

# A banalidade da violência em um jornal de Pernambuco

**Giovanna de Araújo Leite**

Professora e Mestre em Comunicação – UFPE;  
Professora de Metodologia Científica, Sociologia, Português Instrumental  
e Comunicação Empresarial – Universidade de Pernambuco - UPE.  
Salgueiro – Pernambuco [Brasil]  
giwannaleite@hotmail.com

Este artigo, trata da banalidade e exposição do sofrimento como construção e representação da violência presente num encarte policial de um jornal pernambucano. Confirmamos dessa forma a necessidade de se fazer uma reflexão sobre violência tomando por base teórica o pós-modernismo no jornalismo policial na atualidade.

**Palavras-chave:** Banalidade. Pós-modernismo.  
Jornalismo policial.



# 1 Introdução

A violência não é um fenômeno recente. Ela existe desde os primórdios da humanidade; contudo, tem ocupado grande espaço na mídia. Segundo Rondelli (2000, p. 147),

[...] a violência aparece não só como mero fenômeno da agressão física, mas também como linguagem, como ato de comunicação. Não por qualquer decisão consciente de suas vítimas ou praticantes, mas por ser a expressão-limite de conflitos para cuja solução não se pode contar com formas institucionalizadas de negociações políticas ou jurídicas legítimas. [...] o que se expressa é uma determinada forma de cultura política onde a prática da violência tem sido o recurso tradicionalmente usado diante da impossibilidade de se estabelecerem negociações ou consensos sociais mínimos.

A violência mostrada na mídia atinge não só pessoas anônimas da sociedade brasileira, mas também “famosas”. Como diria Fausto Neto (1991, p. 13, [grifo do autor da citação], “[...] os *Olimpianos*, sujeitos sociais conhecidos e divinizados pela mídia são os personagens prediletos da mídia.”

Nesse sentido, a mídia brasileira, percebendo o panorama de crimes e mortes, passou a dar visibilidade cada vez maior à violência, construindo, assim, a seu modo, uma nova forma de abordá-la: por meio da exposição excessiva de crimes e escândalos, seja em jornais, revistas, rádio, televisão ou internet.

Algumas vítimas tornaram-se símbolos midiáticos da violência. Basta lembrar exemplos amplamente divulgados como o assassinato da atriz global Daniela Perez, no fim da década de 1990; os seqüestros do ônibus 174, no Rio de Janeiro, em 2000, e do apresentador de televisão Sílvio Santos, em 2001; o assassinato do jornalista Tim Lopes, em 2002; o assassinato polêmico da menina Isabela Nardoni, na Cidade de São Paulo, em 2008; o seqüestro e morte trágica da jovem Eloá pelo próprio namorado, em 2008; enfim, uma lista entre tantas outras de crimes que ganharam notoriedade na mídia brasileira. Nesse sentido, os meios de comunicação entram no cenário da criminalidade social para dar visibilidade à violência, de maneira usualmente banalizada, e expõem o sofrimento das

pessoas envolvidas, conferindo um tom de trivialidade a todo esse contexto.

Neste artigo, procura-se investigar a questão da violência na pós-modernidade, tomando como ponto de partida a análise de notícias policiais de um jornal pernambucano. É preciso frisar que o tema aqui abordado parte de um estudo no jornal *Folha de Pernambuco*, que se tem destacado na imprensa pernambucana pela maneira como aborda esse problema no Estado. Nele, vários tipos de violência são publicados, tais como acidentes de trânsito e no trabalho, criminalidade em todos os seus aspectos (assassinatos, assaltos, tráfico de drogas, lenocínio, latrocínio, contrabando). Com a abordagem desse assunto neste estudo, queremos especificar que a notícia policial nesse jornal é extraída do espaço urbano e rural.

Sabe-se que o pós-modernismo é um movimento cultural contemporâneo de reação à produção cultural moderna. Conforme Ferreira dos Santos (1991, p. 13),

[...] falar em pós-modernidade, significa que entre nós e o mundo, estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação do real. Nesse sentido, é no pós-modernismo que os meios de comunicação tornam-se mais visíveis, pois estes adquirem maiores recursos tecnológicos, mais dinamismos e maior poder de simulação do real.

Não queremos defender aqui que os meios de comunicação exercem efeito direto e uniforme sobre o público. Pretendemos apenas fazer um estudo descritivo da violência na pós-modernidade, utilizando o jornal *Folha de Pernambuco*, com a finalidade de compreender como a notícia policial expressa a violência. Segundo Hall (1993, p. 224-226),

[...] a construção da notícia deve ser vista como um processo de inserção e identificação das ocorrências dentro de um contexto social significativamente compreensível, pois, um acontecimento só faz sentido se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais.

Tomaremos como referência de estudo o caderno “Polícia”, do jornal citado, pois este aborda vários crimes reunidos em um encarte. Portanto, a perspectiva é mostrar como a violência é destacada

no jornal por meio de demonstrações de todo o corpo jornalístico policial desse caderno.

Situamos, inicialmente, traços teóricos relativos à Pós-modernidade e procuramos explicitar a exploração do sofrimento e a violência expressa no jornalismo policial. Destacamos algumas notícias policiais do encarte “Polícia”, da *Folha de Pernambuco*, tentando mostrá-las como um objeto de estudo inserido numa primeira observação da prática da violência e percebendo como esse ato tem-se tornado uma constante no jornalismo policial contemporâneo.

## 2 O Sofrimento e a violência no jornalismo policial na pós-modernidade

No contexto social pós-moderno, observa-se a presença marcante de histórias de mistério e assassinatos abordados cotidianamente na mídia brasileira. A exposição diária de fatos ligados ao crime é uma espécie de “janela”, através da qual se visualiza uma violência construída e representada a partir de valores, identidades, mediações e sentidos. Essa violência, à qual estão sujeitos, especialmente, os habitantes das metrópoles, emerge aos nossos olhos de forma difusa e desordenada.

Como diz Canclini (1990, p. 333),

[...] a modernidade (ou pós-modernidade) e seus processos Latino-Americanos estão redimensionando a identidade urbana neste continente a partir de transformações de final de século. A vivência urbana, neste sentido, engloba uma gama de complexidades e entrelaçamentos que vão constituir essa pós-modernidade.

Muitas vezes, a violência é representada na mídia de maneira fragmentada. Essa fragmentação reforça a idéia de desordem e caos, características “pós-modernas”.

Segundo Jameson (1996, p. 28),

[...] como no pós-modernismo há o apagamento entre a alta cultura e a cultura de massa ou comercial, haverá uma tendência em dar ênfase a aspectos culturais desprezados pelo modernismo, como o brega, seriados de tv, Kitsh (manifestações em que elementos inusitados ou populares são considerados de mau gosto pela alta cultura), romances

góticos, biografias populares, histórias de mistério e assassinatos, entre outros.

As histórias de mistério e assassinatos são abordadas constantemente nos meios de comunicação. Nos últimos anos, o conteúdo jornalístico policial tem sido alvo da mídia.

De acordo com Oliven (1982, p. 23),

[...] basta abrir um jornal ou assistir a um noticiário de televisão para ser bombardeado com informações sobre as mais recentes vítimas de assaltos e crimes. Observa-se que a notícia policial atrai a atenção de milhares de pessoas no mundo contemporâneo, explorando os mínimos detalhes da violência, seja na cidade ou no campo, mostrando a degradação humana em tempos pós-modernos.

É evidente que a violência não é só um problema da atualidade. Desde o início da humanidade, ela já existia. Segundo Odalia (1983, p. 18), “[...] o melhor documento sobre a violência é a Bíblia. Ela é um repositório incomum de violências, um abecedário completo e variado, que vai da violência física à violência sutil e maliciosa, do estupro ao fratricídio, do crime passionai ao crime político.”

Vale ressaltar também que os hominídeos sobreviveram porque souberam suprir suas debilidades naturais, sua pouca força física, pela inteligência na construção de artefatos de defesa e de ataque.

O próprio cinema abordou o tema, no filme, *2001: Uma Odisséia no Espaço*. Na seqüência inicial, os macacos descobrem a utilização de ossos como arma contundente, mortal e vitoriosa. Quando o macaco vitorioso lança para o alto o osso-instrumento de morte, numa linda fusão, este se transforma numa espaçonave gigantesca com a forma de um carrossel. São dois mundos que se interligam, e mesmo se fundem, numa continuidade que tem como elemento de ligação, a violência. (ODALIA, 1983).

Nesse sentido, a violência não é um tema exclusivo das sociedades pós-modernas. Ela está presente em todas as sociedades: da pré-história até hoje. Acontece, entretanto, que ela alcançou maior destaque a partir do advento dos meios de comunicação, pois estes continuam dando visibilidade constante aos atos violentos que ocorrem em nosso País.

Segundo Santaella (2002, p. 53), “[...] os meios de comunicação – jornais, revistas, rádio, TV –, além de serem produtores de cultura de uma maneira que lhes é própria, são também os grandes divulgadores de outras formas e gêneros de produção cultural.” O jornal como meio de registro, comentário e avaliação dos fatos cotidianos, é um produtor de cultura, mas, ao mesmo tempo, um divulgador das formas e gêneros culturais que são produzidos fora dele, tais como teatro, dança, cinema, televisão, arte e livros. Nesse contexto, a mídia se interliga a todo instante.

O jornal impresso tem registrado, com muita frequência, fatos advindos da criminalidade, e isso tem sido divulgado em novas formas e gêneros diversos. O jornal *Folha de Pernambuco*, por exemplo, produz um encarte especial, denominado “Polícia”, somente sobre os acontecimentos da criminalidade no estado.

A violência exposta no jornal ou em qualquer veículo de comunicação não se constitui um espelho fiel da realidade, pois ela é exposta seguindo a linha editorial a que se propõe o meio de comunicação. Assim, a violência que se apresenta é simbólica. O sociólogo Bourdieu (1997, p. 22-23) escreveu bastante sobre a temática do “poder simbólico da violência”:

A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também dos que a exercem, como é o caso das relações de comunicação pela mídia. O autor toma o exemplo das notícias de variedades, ou *fait divers*. Elas consistem numa espécie elementar e rudimentar da informação que interessa a todo mundo. Ao insistir nas variedades, afastam-se as informações pertinentes que o cidadão deveria possuir para exercer seus direitos democráticos. Assim, os jornais cotidianos, por exemplo, oferecendo o extra-cotidiano ou extra-ordinário (incêndios, inundações, assassinatos e variedades), tentam buscar exclusividade e acabam gerando a banalização como instrumento de simulação da realidade.

Segundo Michaud (1989, p. 49),

[...] o fato da violência se apresentar como uma crise em relação ao estado normal, cria, por princípio, uma afinidade entre ela e a mídia. Num dia calmamente banal fica difícil fazer um jornal ou um noticiário de TV para anunciar que não aconteceu nada. A mídia

(jornais, revistas, tv, rádio, internet) precisa de acontecimentos e vive do sensacional. A violência, com a carga de ruptura que ela veicula, é por princípio, um alimento privilegiado para a mídia, com vantagem para as violências espetaculares, sangrentas ou atrozes sobre as violências comuns, banais e instaladas. A massa de informação veiculada pela mídia multiplica as evidências indiretas e parte importante da experiência do mundo passa pelas imagens que nos mostram as coisas como se estivéssemos lá. Tem-se a sensação de uma espécie de transparência dos acontecimentos: tudo se sabe. Ao mesmo tempo, ela é em grande parte ilusória porque se pode manipular a mídia.

A violência é grande aliada da mídia, pois, para atrair a atenção de inúmeras pessoas, os meios de comunicação se utilizam do sofrimento alheio para dar visibilidade excessiva a fatos que acontecem no mundo da criminalidade. O sofrimento é exposto todos os dias, seja na televisão, no rádio, nas revistas, nos jornais ou na internet, como um espetáculo fragmentado, pós-moderno. Jameson (1996) propõe pensar esse pós-modernismo como um sistema que organiza nossas vidas e percepções, e pode servir-nos de conhecimento reflexivo do nosso presente histórico, complexo e contraditório.

É de se esperar que a nova lógica espacial do simulacro tenha um efeito significativo sobre o que se costumava chamar de tempo histórico. O próprio passado é, assim, modificado: o que antes era, no romance histórico, segundo a definição de Lukács, a genealogia orgânica de um projeto burguês coletivo – ou, para a história oral norte-americana, que visam à ressurreição dos mortos de uma geração anônima e silenciada, a dimensão retrospectiva indispensável para qualquer reorientação vital de nosso futuro – transformou-se, nesse meio tempo, em uma vasta coleção de imagens, em um enorme simulacro fotográfico. O slogan de Guy Debord é ainda mais apropriado para uma sociedade cujo próprio passado é pouco mais do que um conjunto de espetáculos empoeirados. (JAMESON, 1996, p. 45-46).

A violência na pós-modernidade no jornalismo impresso policial busca, por meio de fotografias chocantes, banalizar o sofrimento humano, mostrando, a “olho nu”, restos humanos despedaçados

e sangue em poças ou salpicados nas paredes. Além disso, os textos narrativo-descritivos, com teor de mistério e drama, constroem o discurso da violência entre o trágico e o medo. Na pós-modernidade, toda violência destacada na mídia visa esquecimento, ao banal; afinal, “amanhã”, pode surgir um novo espetáculo trágico, uma nova morte hedionda que fará com que esqueçamos o que aconteceu “ontem”.

Segundo Sodré (2002, p. 98),

[...] a exibição do fato violento, de modo dramático ou não, é uma tentativa, às vezes infantilizada, de se lidar com a banalização do trágico no cotidiano. O desastre, a agressão, a monstruosidade teatralizados, discursivamente encenados, funcionam como objeto fóbico capaz de circunscrever àquela representação específica a angústia generalizada em face da “destruição social” sobre a realidade da violência urbana, a mídia exerta a realidade imaginária da ficção passada e presente.

Jameson (1985, p. 22) designou de “presentes perpétuos” a contínua exposição de fatos nos meios de comunicação. Informações, mensagens, sons, ruídos e sensações são rapidamente presentificados e substituídos momentaneamente, num encadramento que possa afirmar, no momento, o que é novo – mercadorias, homens ou necessidades –, para caírem no esquecimento.

De acordo com Reimão (1983, p. 13),

[...] os jornais criam condições para o surgimento e divulgação de narrativas que lidam, trabalham e se articulam sobre os mesmos elementos ou elementos semelhantes aos que são articulados por narrativas de *romance* policial - um relato de mistério, onde se apresenta um enigma criminal, geralmente um assassinato investigado por uma ou mais pessoas.

Entendendo-se que o “romance policial” surgiu por meio da própria notícia policial ou notícias de variedades, ou ainda *fait divers* (fato diverso), em que as grandes cidades, as fachadas, as multidões humanas, os labirintos de ruas eram o foco principal dos acontecimentos trágicos. Todo um discurso em prol da cultura da violência começou a pairar cada vez mais nos tempos pós-modernos. O sentimento de insegurança e medo são os produtos da cultura midiática da violência. O chamado *fait divers* é uma das atrações principais no jornalismo policial: dramas individuais, em geral banais, ou crimes raros

e aparentemente inexplicáveis são expostos diariamente pela cultura midiática da violência. Conforme Reimão (1983, p. 12-13), “[...] abordando sobre o *romance policial*, o desafio do mistério aliado a um certo prazer mórbido na desgraça alheia e ao sentimento de justiça violada que requer reparos, são basicamente os elementos geradores da atração e do prazer na leitura deste tipo de narrativa.”

Para Costa (2002, p. 135),

[...] a compulsão pela novidade informativa e a exploração da curiosidade, do grotesco, acomoda a narrativa dos fatos à determinação da lógica de que tudo deve fluir rapidamente e paradoxalmente de forma repetitiva em diversos canais, meios e circunstâncias. Nesse sentido, pode-se perceber que a violência abordada no jornalismo policial visa tornar banalizada a dor alheia numa sociedade onde a hipermediação do real e super saturação de imagens encontram-se presentes rotineiramente na mídia.

Nas palavras de Sarlo (2000, p. 50),

La lista de los casos de violencia urbana es practicamente infinita. Alimenta un sentimiento de inseguridad colectiva que se ha convertido en una pasión: la pasión del miedo como (des) organizadora de la relación con el espacio público. El cine sólo muestra, en paralelo con el real, este rostro bárbaro de la cultura contemporánea.

Essa lista de casos de violência urbana apontada pelo jornalismo policial constrói uma identidade cultural marcada pela banalização do crime. As narrativas reforçam a violência, com fotos chocantes de pessoas mortas, e dão visibilidade a conflitos, marcadamente sociais, diante da desigualdade social vivida na América Latina, em especial no Brasil. No próximo tópico deste artigo, mostraremos alguns exemplos da narrativa jornalística policial do jornal *Folha de Pernambuco* e apresentaremos suas formas de construção e representação da violência no Estado de Pernambuco.

### 3 Um breve “olhar” na *Folha de Pernambuco*

Segundo Johnson apud Silva (1999, p. 75), o “texto” não é mais estudado por ele próprio, nem

pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas formas subjetivas ou culturais que efetiva e torna disponíveis. O texto é apenas um meio no estudo cultural. Trata-se de um material bruto a partir do qual certas formas (por exemplo, da narrativa, da problemática ideológica, do modo de endereçamento, da posição de sujeito, entre outros) podem ser abstraídas. Pode fazer parte também de um campo discursivo mais amplo ou ser uma combinação de formas, que ocorrem em outros espaços sociais com alguma regularidade. É preciso conceber um texto como um objeto sócio-histórico em que o lingüístico intervém como pressuposto (ORLANDI, 1996, p. 56). O jornalista que escreve notícias policiais está revestido de uma ideologia da objetividade, buscando retratar, em seu trabalho, uma atuação capaz de observar e produzir uma tentativa de retratar o real. Vale ressaltar que atuar no jornalismo é uma opção ideológica (MARCONDES, 1989, p. 11), e no caso do jornalismo policial não é diferente, pois a notícia, a manchete e a posição da página são elementos que integram uma decisão consciente dos próprios jornalistas.

Nos últimos anos, o conteúdo jornalístico policial tem sido, com freqüência, alvo principal do jornal impresso, como é o caso do jornal *Folha de Pernambuco*, com o qual se pretende apresentar aqui algumas amostras de reportagens destacadas no encarte *Polícia*.

Este encarte (de quatro páginas) apresenta um pedaço do real, em que se abstrai somente o fato específico que originou a notícia. Sua notícia policial é sensacionalista. Os elementos característicos do texto do jornalismo policial expressam uma descrição detalhada do cenário da tragédia, narração das pessoas envolvidas, os comportamentos anti-sociais, indicação da culpa e do castigo a serem aplicados e uso de clichês e expressões técnicas especializadas. O título das notícias a seguir já evidencia o caráter de exposição do crime como atração:

- 1) Seqüestro tem final dramático. Polícia invade apartamento. Eloá, mantida refém durante 100 horas pelo ex-namorado, é baleada e está em estado gravíssimo. Ele foi preso mas não sofreu nada. (*Folha de Pernambuco*, Recife, 18 out. 2008, Brasil, p. 1).
- 2) Pai de Eloá matou advogado em PE (*Folha de Pernambuco*, Recife, 5 nov. 2008, Polícia, p. 1).
- 3) Do caos à lama. Cena inusitada no centro lembrou a famosa música de Chico Science. Um assaltante roubou o trancelim de um bancário,

que o perseguiu. (*Folha de Pernambuco*, 18 out. 2008, Polícia, p. 1).

- 4) Final de semana violento na RMR. (*Folha de Pernambuco*, Recife, 12 maio 2003, Polícia, p. 1).
- 5) Mulher é encontrada amordaçada, amarrada e estrangulada em Afogados. (*Folha de Pernambuco*, Recife, 23 jun. 2003, Polícia, p. 1).
- 6) Criança é torturada por vizinho. (*Folha de Pernambuco*, Recife, 11 jun. 2003, Polícia, p. 1).
- 7) Golpes de facão acabam com vida. (*Folha de Pernambuco*, Recife, 10 jun. 2003, Polícia, p. 1).
- 8) Rapaz é morto com vários tiros. (*Folha de Pernambuco*, Recife, 2 dez. 2003, Polícia, p. 3).
- 9) Estudante morre durante assalto. Assaltante se assustou com reação de namorado da vítima e atirou. (*Folha de Pernambuco*, Recife, 21 jan. 2004, Polícia, p. 1).
- 10) Pai esfaqueia filho após discussão. Pai fez barulho, filho o agrediu com paulada e o pai revidou com facada. (*Folha de Pernambuco*, Recife, 29 jan. 2004, Polícia, p. 1).

Fizemos um recorte de dez manchetes extraídas do jornal em estudo, de 2003 a 2008, observando como são desencadeados personagens e fatos, os mais diversos, relacionados ao mundo do crime e tragédias cotidianamente ocorridas na cidade do Recife, nas satélites, na capital e até na zona rural. Outros fatos de ordem nacional e amplamente divulgados na mídia ganham notoriedade na própria maneira de abordar a notícia.

Ao inserir o fato policial nas notícias jornalísticas, é necessário compreender que os sujeitos e os objetos das notícias policiais participam do grande processo que se dá entre a violência e sua representação. Michaud (1980, p. 8) salienta que

[...] de um lado, a violência é totalmente real, de outro aparece unicamente em determinado tipo de representação do campo social. Possui uma positividade inelutável e ao mesmo tempo, flutua e se metamorfoseia conforme as convicções que a apreendem. Existe a violência e também a *violência da violência*. É uma situação de círculo, pois a violência é a guerra, a tortura, o homicídio, o extermínio. A violência muda de aspecto segundo quem fala por ela, quem a avalia, quem a interpreta e quem a sofre.

Nesse sentido, tomando o exemplo do jornal *Folha de Pernambuco*, o encarte *Polícia* atua como um construtor de representações sociais sobre o crime, a violência e sobre aquelas pessoas envolvidas em

suas práticas e coibições. O que se percebe é que se cria, em torno da banalização da violência, um sentimento de insegurança coletiva. Dessa forma, o jornal constrói um processo de dominação da violência no qual se inclui também o sentimento de impotência diante de seu poder expresso nesse veículo. Segundo Rondelli (1999, p. 147),

[...] os episódios desta violência cotidiana, banal e ordinária não têm inspiração e a explicação secreta e macabra dos *serial killers*, nem a sagacidade, a inteligência ou o poder de convencimento dos personagens de ficção, nem mesmo os ideais, a determinação ou causas por que lutar, como os dos terroristas de qualquer nação ou projeto separatista. São atos que no modo bruto se expressam, com precaríssimas mediações institucionais, revelam não só o isolamento dos setores sociais neles envolvidos, como também a impotência da sociedade em resolver seus conflitos.

## 4 Considerações finais

O que se constatou, neste artigo, é que a evidência da violência nas manchetes do encarte "Polícia", do jornal *Folha de Pernambuco*, já constitui um aspecto social marcado pela reprodução mecânica de fatos violentos construídos e representados a seu modo. Percebe-se que, nesse caderno policial, a exposição constante de notícias policiais demonstra a construção da imagem de uma cultura marcada pela banalidade dos episódios violentos. A violência é mostrada com características pós-modernas, pois a efemeridade, a fragmentação, a excessiva permanência na cena pública, o teor de mistério e enigma estão presentes nas notícias policiais.

Parece-nos que se evidencia certo esgotamento de um mundo pós-moderno marcado pelo convívio tenso entre o dramático e o trágico no espetáculo contemporâneo da violência, em que esta assume a importância de um processo de dominação, e não simplesmente um conjunto de atos brutais (ALMEIDA, apud RONDELLI, 2000, p. 103).

### The banality of violence in a newspaper of Pernambuco

The purpose of this article was to reflect about banality and exhibition of suffering as construction and representation of violence in a police insert of

a newspaper of Pernambuco. In this manner, we confirm the necessity in reflecting about violence taking as theoretical basis the post modernism in police journalism nowadays.

**Key words:** Banality. Police journalism. Post modernism.

## Referências

ANDRADE, J. Final de semana violento na RMR. *Folha de Pernambuco*, Recife, 12 maio, 2003, Polícia, p. 1.

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México, D.F: Grijalbo, 1990.

COSTA, B. C. G. da. *Estética da violência: jornalismo e produção de sentidos*. Campinas, SP: UNIMEP, 2002.

FAUSTO NETO, A. *Mortes em derrapagem: os casos Corona e Cazuza nos discursos da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FERREIRA DOS SANTOS, J. *O que é pós-moderno*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

HALL, S. et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, N. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Veja, 1993.

\_\_\_\_\_. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JAMESON, F. Pós-modernidade e sociedade de consumo. Tradução Vinícius Dantas. São Paulo, *Novos Estudos CEBRAP*, n.12, jun. 1985.

\_\_\_\_\_. *Pós-modernismo, ou a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.

JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In:

SILVA, T. T. da (Org.). *O que é, afinal, estudos culturais*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LEITE, A. Do caos à lama. Cena inusitada no centro lembrou a famosa música de Chico Science. Um assaltante roubou o trancelim de um bancário, que o perseguiu. *Folha de Pernambuco*, Recife, 18 out. 2008, Polícia, p.1.

MARCONDES, C. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

MICHAUD, Y. *A violência*. Tradução L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *Violência y política*. Barcelona: Ediciones Ruedo Ibérico, 1980.

ODALIA, N. *O que é violência*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

OLIVEN, R.G.; BOSCHI, R. R (Org.). *Violência e idade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

OLIVEIRA, W.; PESSOA, F. Pai esfaqueia filho após discussão. Pai fez barulho, filho o agrediu com paulada e o pai revidou com facada. *Folha de Pernambuco*, Recife, 29 jan. 2004, Polícia, p. 1.

OLIVEIRA, D. Mulher é encontrada amordaçada, amarrada e estrangulada em Afogados. *Folha de Pernambuco*, Recife, 23 jun. 2003, Polícia, p. 1.

OLIVEIRA, W. Criança é torturada por vizinho. *Folha de Pernambuco*, Recife, 11 jun. 2003, Polícia, p. 1.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PESSOA, F. Golpes de facão acabam com vida. *Folha de Pernambuco*, Recife, 10 jun. 2003, Polícia, p. 1.

\_\_\_\_\_. Rapaz é morto com vários tiros. *Folha de Pernambuco*, Recife, 2 dez. 2003, Polícia, p. 3.

\_\_\_\_\_. Estudante morre durante assalto. Assaltante se assustou com reação de namorado da vítima e atirou. *Folha de Pernambuco*, Recife, 21 jan. 2004, Polícia, p. 1.

REDAÇÃO. Seqüestro tem final dramático. Polícia invade apartamento. Eloá, mantida refém durante 100 horas pelo ex-namorado, é baleada e está em estado gravíssimo. Ele foi preso, mas não sofreu nada. *Folha de Pernambuco*, Recife, 18 out. 2008, Brasil, p. 1.

REIMÃO, S. L. *O que é romance policial*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

RONDELLI, E. et al. *Linguagens de violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTAELLA, L. Cultura midiática. In: ADAMI; BALOCHI; CARDOSO; DROGUETT (Org.). *Mídia, cultura, comunicação*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

SARLO, B. *Tiempo presente: notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Argentina S.A, 2002.

SODRÉ, M. *Sociedade, mídia e violência*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

TENÓRIO, D. Pai de Eloá matou advogado em PE. *Folha de Pernambuco*, Recife, 5 nov. 2008, Polícia, p. 1.

recebido em 18 jul. 2008 / aprovado em 24 set. 2008

**Para referenciar este texto:**

LEITE, G. de A. A banalidade da violência em um jornal de Pernambuco. *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 153-160, 2008.